
ANGÚSTIA E TRAUMA: A COVID-19 SOB A PERSPECTIVA LACANIANA

Maria José Gontijo Salum

Ana Carolina Carvalho Cruz Fernandes

Marina Melo Machado

O ano de 2020, provavelmente, ficará marcado na história pelo surgimento de uma das mais graves crises de saúde pública: a pandemia – declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – de covid-19, doença transmitida pelo novo coronavírus. Temos escutado algumas qualificações sobre essa pandemia na busca de localizar, em palavras, os efeitos desse acontecimento em nosso tempo. A “guerra ao vírus” é uma expressão largamente empregada nos noticiários, especialmente quando se expõem os dados do contágio e das mortes. As vítimas fatais e o número de pessoas doentes pelo mundo assumem proporções gigantescas, e é inevitável a comparação dos estragos causados pelo vírus com a destruição de uma guerra, pois é inegável que estamos diante de uma catástrofe.

A pandemia da covid-19 é um acontecimento que impacta a saúde no mundo inteiro e para o qual, até o momento em que escrevemos, ainda não há tratamento nem prevenção possível. A principal maneira de prevenir uma

doença, a vacina, ainda não está disponível¹ e as intervenções médicas com os doentes são, em certa medida, paliativas. Sem um tratamento validado pela ciência, a cura é imponderável e depende da reação de cada organismo. Diante de um quadro de tal gravidade, no qual a morte espreita os seres falantes, tentaremos localizar algumas consequências psíquicas, que pretendemos investigar a partir da psicanálise. Nossa investigação se iniciará indagando de que forma poderíamos nos referir aos efeitos coletivos dessa crise sanitária na subjetividade de nossa época.

A referência à guerra, de alguma forma, nos traz algumas aproximações com o estado de coisas que temos observado. Por guerra, entende-se uma série de batalhas contra um inimigo com o objetivo de destruí-lo, pois, caso a destruição de nosso oponente não aconteça, ele poderá nos dizimar. No decorrer do artigo, localizaremos melhor em que medida podemos comparar o vírus a um inimigo e como o combatemos em uma guerra.

A concepção psicanalítica das neuroses traumáticas foi sistematizada a partir das neuroses de guerra. O objetivo deste artigo é investigar como a catástrofe da pandemia pode ser considerada um traumatismo em nossa sociedade. As respostas a esse choque causado pela doença ainda não são passíveis de serem precisadas, pois estamos no curso desse processo, mas é possível destacar algumas elaborações iniciais. Para isso, vamos recorrer à teorização freudiana sobre o trauma.

1 Este artigo foi concluído em julho de 2020. No final desse ano algumas vacinas já estavam disponíveis e vários países iniciaram o processo de imunização de sua população. O Brasil iniciou a aplicação dos imunizantes no início de 2021, e, atualmente, grande parte dos brasileiros encontra-se vacinada.

Freud e o trauma: a presença do excesso produz uma falta no psiquismo

Em seus estudos iniciais sobre o trauma, Breuer e Freud ([1893-1895]/1976) buscavam estabelecer sua causalidade. Segundo ele, uma experiência torna-se traumática quando possui força para alterar a organização do psiquismo, ou seja, quando ultrapassa a quantidade de excitação que o aparelho psíquico consegue dominar. Essa experiência é sentida como uma violência e pode ter consequências durante pouco tempo ou ser duradoura na vida de alguém. Para Freud, o evento em si não é determinante para o traumatismo, mas sua vivência e, sobretudo, o grau da força com que o acontecimento irrompe no aparelho psíquico. Podemos encontrar as elaborações sobre o trauma no início da teoria freudiana, e suas investigações são desenvolvidas ao longo de sua obra. Para Breuer e Freud ([1893-1895]/1976), o conflito psíquico influencia a emergência do trauma. Além disso, a falha da defesa frente à divisão do eu torna-se prevalente para conferir valor traumático a uma experiência, como a que incide no aparelho psíquico e ocasiona uma falha em sua principal defesa: o recalçamento. Quando esse mecanismo, que é a principal maneira de lidar com os conflitos, falha, surge o trauma.

Posteriormente, já no final de sua obra, Freud retoma suas definições de trauma para auxiliá-lo em sua construção da nova teoria pulsional. Em *Além do princípio do prazer* (FREUD, [1920]/1976), ele retoma as comparações entre as neuroses de guerra e as neuroses traumáticas para postular a existência da pulsão de morte na dinâmica pulsional. Novamente, o conceito de trauma é relacionado a uma ruptura no psiquismo, com consequências na organização do aparelho psíquico. Freud recorre novamente à perspectiva econômica para elucidar o efeito traumático, que se deve ao excesso de estímulos, uma quantidade maior que o psiquismo pode suportar. Contudo, acrescenta uma nova elaboração: a de que o acontecimento traumático torna o princípio de prazer inoperante, fazendo surgir a pulsão de morte.

Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar (FREUD, [1920]/1976, p. 47).

Freud ressalta o efeito de não conseguir lidar com as grandes quantidades de estímulos que inundam o aparelho psíquico. De acordo com ele, é esse excesso que causa o trauma e faz surgir as manifestações psíquicas desse acontecimento, como crises de ansiedade ou angústia, que impactam profundamente a vida do sujeito e afetam suas funções psíquicas e mesmo orgânicas. Freud ainda destaca a recorrência dos sonhos de angústia que acompanham esses quadros e as falhas no aparelho psíquico produzidas pelas manifestações traumáticas, que tornam a defesa do recalque inoperante, assim como a pulsão de vida.

Seguindo sua elaboração, indagamos se é possível considerar a pandemia da covid-19 um modo de surgimento do traumatismo em nosso mundo. Trata-se de uma catástrofe, cujas perdas em termos de vidas humanas crescem exponencialmente, com consequências na saúde pública, bem como sociais e econômicas, afetando diretamente as pessoas.

Como afirmamos anteriormente, em decorrência da amplitude dos efeitos, chega-se a comparar a pandemia a um estado de guerra, mas essa comparação não nos parece adequada. Em uma guerra, deparamo-nos com um inimigo visível, contra o qual se trava um combate, uma batalha de um contra o

outro que visa à destruição. No caso da pandemia, nosso inimigo é um vírus, portanto, não tem um desejo de aniquilação. O combate está somente do nosso lado, quando seguimos as determinações e recomendações médicas.

Por sua natureza, o coronavírus provoca uma doença cujo tratamento deve ser prescrito pela ciência e, na falta de um tratamento com eficácia comprovada, as autoridades sanitárias indicam o distanciamento social para diminuir o contágio. Porém, nem todos respondem a essas recomendações da mesma forma; encontramos variações individuais, bem como grupais, fazendo-se sentir os efeitos subjetivos dessas determinações. Na prática, o afastamento se abre às mais diversas interpretações, e isso impacta diretamente a atitude que se toma em relação à doença. A ideologia política, sobretudo, tem pautado as posições frente à disseminação e à gravidade do vírus, desconsiderando, ou mesmo negando, sua letalidade. Essa abertura a diferentes discursos não acontece sem angústia.

A presença traumática do vírus: desamparo e angústia

Mesmo que encontremos variações no modo de lidar com o novo coronavírus, não podemos negar que sua presença transformou as relações interpessoais estabelecidas e as maneiras de encarar a morte. Até então, acreditava-se que a ciência responderia os problemas a ela endereçados, pois o discurso científico é uma das formas privilegiadas de atender às demandas da civilização no mundo ocidental. Temos disponíveis no mercado as mais sofisticadas drogas e tecnologias para nos amparar em uma das formas de opressão que assolam a humanidade: o surgimento de doenças que escancaram a existência da morte. A covid-19 expôs a falha da ciência em sua promessa, deixou-nos em uma situação de desamparo frente à presença da morte e precipitou o aparecimento da angústia.

Trata-se de uma situação muito próxima às neuroses traumáticas definidas por Freud ([1920]/1976), que são consequência de um trauma, definido como uma grande ruptura na barreira de proteção do aparelho psíquico. A

situação traumática se instala quando o aparelho psíquico se depara, sem preparação, com uma ameaça à vida, levando à inoperância do princípio do prazer. Tal princípio é uma tendência que deve dominar o psiquismo a fim de que prevaleça a pulsão de vida, quando ele se torna inoperante, devido à ruptura da proteção, a pulsão de morte exerce seu domínio. O trauma surge quando o aparelho psíquico se depara com um acontecimento que não consegue elaborar e, diante do traumatismo, manifesta, com sintomas e angústia, que algo escapou à representação.

Freud retoma a teorização sobre o trauma à luz de sua última teoria pulsional, a dualidade entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Ele afirma que o clamor da vida vem de Eros, pois é ele que dá sentido, elabora e subjetiva as experiências. Em sua oposição, a pulsão de morte é muda, sua presença atesta que algo escapou à representação. Em suma, para Freud, é traumático aquilo que não conseguiu ser elaborado, ou seja, um real que escapa à inscrição simbólica, em termos lacanianos. Essa representação pode se referir à própria subjetividade, mas também podemos pensá-la em relação aos aspectos coletivos, ao estabelecimento dos laços sociais e discursivos, que prevalecem em uma época. Quando a inscrição simbólica não se efetiva, estamos expostos às manifestações mortíferas.

A pandemia da covid-19 pode ser equiparada a um acontecimento emblemático que nos colocou em contato com uma experiência radical de descontinuidade histórica. Com dificuldade de assimilar esse acontecimento, ele torna-se traumático ao transbordar a capacidade de pensar, elaborar e inscrever completamente essa experiência em nosso cotidiano. Dessa forma, as narrativas acerca dele transmutam-se em impossíveis, pois encontram limite no dizer. O excesso de sua realidade por meio das notícias diárias situa o sujeito, cotidianamente, diante desse insuportável, frente a frente com a angústia, que escancara a falta e evoca o verdadeiro significado de trauma: aquilo que não possui representação e se localiza na ordem do irrepresentável. A impossibilidade de narrar aparece em paradoxo com a necessidade de representação, como uma resistência ante a premência de se manter vivo.

Encontramos na história algumas catástrofes, que se tornaram traumas coletivos, cujos trabalhos de reconstrução trouxeram a possibilidade de se criarem novos laços sociais. A reação dos moradores da cidade de Nova Iorque frente ao ataque aos dois edifícios do World Trade Center, as Torres Gêmeas, foi um exemplo. Vimos manifestar a solidariedade entre eles, assim como vários relatos de retomada de relações de afeto até então distanciadas. Éric Laurent (2004) escreveu, logo após esse atentado, um artigo sobre o trauma, considerando essa tragédia coletiva. Ele partiu da constatação de que, na contemporaneidade, houve uma extensão da patologia do trauma. Tradicionalmente, a psicanálise considera traumático tudo o que não é programado, por isso, a noção de susto está associada à incidência do trauma, como assinalava Freud. Nessa perspectiva, o trauma é da ordem da contingência, um real imprevisto que fura o sistema simbólico de elaboração. Laurent propõe acrescentar uma noção de trauma que parte de uma lógica distinta. Analisando a perspectiva da vida urbana e contemporânea, ele constata que nos deparamos com a presença do real como um processo em nosso cotidiano, e não como um furo no dispositivo simbólico.

A partir dessas considerações, ele avalia que o trabalho da psicanálise nas situações traumáticas deve ser realizado em duas perspectivas. Em uma primeira abordagem, o trauma é entendido como um real que surge e fura o sistema simbólico: o tratamento deve seguir a estratégia de operar sentido à situação traumática. Assim, tenta-se encontrar as explicações – quem ou quantos foram afetados e o que se pode fazer –, ou seja, faz-se um trabalho sobre a significação, que tenta restituir o sentido que se rompeu a partir do acontecimento traumático, a fim de restituir o laço com o Outro.

A segunda perspectiva – a presença do real no simbólico – considera que nem tudo poderá ser recuperado, que há algo que escapa ao sentido e será preciso inventar maneiras de se ligar ao Outro. Isso significa que será necessário não somente inventar um modo de se enlaçar com o Outro social, mas de construir um novo Outro, um novo mundo para viver, uma nova cena para a vida.

Voltando ao exemplo de Nova Iorque, podemos localizar os dois elementos do trabalho sobre o trauma, a saber, a tentativa de dar sentido ao acontecimento traumático e uma nova construção para o que escapou ao sentido ao sentido e tornou-se trauma. Após o acontecimento, assistimos a cenas dos aviões se chocando, fomos informados de que se tratava de um atentado terrorista, acompanhamos o trabalho de salvamento e reconhecemos a importância dos profissionais envolvidos. Tentou-se, com isso, dar sentido à emergência do real, ao acontecimento imprevisto, a fim de reparar o buraco que atingiu não somente os prédios, mas o modo de vida naquela cidade e mesmo no mundo.

Por outro lado, nem tudo foi possível reconstruir; não seria possível voltar à normalidade e essa foi uma constatação importante. Na reconstrução do local atingido, onde antes estavam as duas torres, encontramos dois rebaixamentos, com as exatas medidas das plantas dos prédios que desabaram, e nesse local estão um museu e um memorial das vítimas. Desse modo, deixa-se marcada a presença do real da morte. Em torno do furo causado pelo atentado, operou-se uma reconstrução, mas o real persiste, ele não é somente um furo que se fez e foi refeito. Portanto, o trauma pensado nas duas perspectivas considera a importância do trabalho de reconstrução simbólica, mas também a impossibilidade de tudo ser tratado pelo sentido, entende-se que há algo que escapa.

No caso da pandemia, podemos estabelecer a mesma correlação. O real da morte se apresenta, e tenta-se dar a ele um tratamento que localiza as vítimas atingidas: elas são contabilizadas, explicadas; os familiares tentam fazer o trabalho de luto. Essa operação aparece também nas informações sobre a disponibilidade de leitos e em todas as que mapeiam o desenvolvimento da pandemia ao nosso redor.

Com os dados, decisões são tomadas sobre o comportamento diante da pandemia, a fim de restabelecer os laços familiares e com o trabalho, ou seja, retomar a vida. A necessidade de afastamento acentua a presença da morte ao instituir um corte nas relações. Nesse aspecto, os dispositivos virtuais têm

sido aliados na manutenção do laço com a vida, na qual reina a presença da morte. Esses pontos abordados estão de acordo com a elaboração que é preciso fazer, ou seja, o trabalho de luto que deverá ocorrer após uma perda. Contudo, estamos diante de um desafio, e o afeto da angústia nos indica que há um limite na tentativa de reconstrução pela via do sentido. Na presença do real, teremos que inventar um novo modo de vida.

A angústia: índice do real

Freud, em *Inibição, sintoma e ansiedade* ([1925-1926]/1996), delimita a importância dessas manifestações na clínica da neurose. Em relação à angústia, traduzida por ansiedade no texto citado, ele afirma que, diferente do medo, se trata de um afeto que não tem um objeto e que surge diante de uma falta que concerne ao sujeito a inscrição da castração.

Lacan ([1963]/2005) consagra um de seus seminários ao tema da angústia e a aborda a partir dos ensinamentos freudianos. Como Freud, ele parte das noções de falta e castração, mas, no decorrer do seminário, avança nas conceituações desse afeto ao considerá-lo não somente como sinal de uma falta, mas também como um signo de um excesso. Lacan toma esse afeto numa perspectiva além da angústia de castração, ou seja, nós nos angustiamos quando nos deparamos com a falta, como definia Freud, mas também quando nos deparamos com algo que deveria estar no nosso inconsciente – como objeto do desejo, inscrito como falta – e que, no entanto, aparece presentificado, causando angústia.

Para construir seu ensino sobre a angústia, Lacan se apoia no artigo de Freud *Das Unheimlich* – originalmente traduzido como *O estranho* (FREUD, [1919]/1976) e, mais recentemente, como *O infamiliar* (FREUD, [1919]/2019) – e parte do termo *Heim*, que significa lar, casa. A palavra *Heimlich* tem, em alemão, um significado que, ao mesmo tempo, indica o íntimo, familiar, mas também o que está oculto, secreto. Com o prefixo *Un*, na palavra *Unheimlich*, acentua-se o paradoxo: aquilo que é familiar porta algo de estranho. Em suma,

a angústia surge quando o estranho familiar, que deveria estar escondido, demonstra sua presença.

Lacan afirma que o ser falante constitui sua casa – *Heim* – no campo do Outro, grafado com letra maiúscula para distingui-lo do outro semelhante, com o qual estabelecemos nossas relações interpessoais. O Outro não é uma pessoa, mas um lugar simbólico onde encontramos o tesouro de significantes que nos identificam. Nosso mundo e tudo aquilo que nos concerne são efeitos dos significantes do Outro, e tal aspecto constata a ausência em que nos encontramos. Isso significa que aquilo que constitui nossa existência é estranho, é um Outro, e quando essa estranheza se revela, nos angustiamos.

Como já abordado, a angústia freudiana é uma reação diante da perda – perda do seio e do amor – e a angústia lacaniana é um signo de um encontro com algo que excede à construção simbólica do Outro (LACAN,([1963]/2005), p. 53). Como sujeito do significante, somos constituídos no campo do Outro, devido ao desamparo inicial inerente ao ser falante.

Na constituição subjetiva, é preciso se alienar do Outro, pois o sujeito não se constitui por si mesmo. Em um primeiro momento, os significantes do Outro nos representam, mas uma separação deverá ocorrer, pois nem tudo pode ser significado pelo Outro. Como resultado da separação, inscreve-se uma dupla falta, simbólica, no sujeito e no Outro, pois, nem tudo é passível de ser representado pelos significantes do Outro. Algo falta e fica fora da representação, operação que Lacan nomeia de extração do objeto a causa de desejo.

No seminário sobre a angústia, Lacan afirma que o Outro que nos ampara e nos hospeda também é visto como hostil – *Heimlich/Unheimlich*. A hostilidade diante do Outro revela uma primeira defesa frente a esse Outro que nos domina, pois dele dependemos, não somente em termos de identificações, mas para nossa sobrevivência.

O desamparo está no cerne da operação de constituição do sujeito. De acordo com Freud ([1895]/1976), ele é a fonte de todos os apelos. A situação

primordial do desamparo revela o apelo originário ao Outro para que realize uma ação diante da necessidade do pequeno ser. O aparelho psíquico, em um primeiro momento, buscando o prazer, recorre à alucinação ao não encontrar o objeto de satisfação. O choro e a agitação do recém-nascido não são suficientes para aliviar o seu mal-estar, ele necessariamente precisa do outro para suprir a sua necessidade. Somente o outro pode realizar a ação específica, nos dizeres de Freud, para satisfazer a necessidade, e essa ação implica a constituição de um Outro que responde à demanda, aquele que pode retirar o bebê do desamparo.

Pois bem, é nesta relação primária com o Outro que Freud encontra o paradigma da situação originária do desamparo e a designa como uma experiência de *Hilflosigkeit*. A palavra *Hilflosigkeit* é muito significativa, uma vez que é composta do substantivo “*Hilfe*”, que quer dizer auxílio, ajuda, proteção, amparo, do sufixo adverbial modal “*losig*”, que indica carência, ausência, falta de, e ainda pela terminação “*keit*”, que forma substantivos do gênero feminino, cujo correspondente em português é a terminação “dade”. A palavra *Hilflosigkeit* significa, portanto, uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda — *hilflos* — sem recursos, sem proteção, sem amparo. Uma situação, portanto, de desamparo (ROCHA, 1999, p. 4).

A reflexão do desamparo e da relação com o Outro é muito pertinente para o momento da pandemia. A sociedade está diante de uma circunstância que reivindica adaptação do modo de vida. Ao longo de sua existência, o ser humano reage frente ao desamparo das mais diversas formas, mas, sem dúvida, a forma mais comum é a formação de laços sociais, cuja base é a demanda ao Outro. Com o início da pandemia, as relações sociais foram distanciadas e o isolamento social dificultou os contatos. Além disso, a presença da morte no cotidiano reenvia ao desamparo. Diante do contexto inédito, é preciso encontrar novos modos de interação. A solidão e a saudade

são significantes que passaram a ser usados para lidar com a angústia em relação às perdas, de um lado, e à evidência massiva da morte, de outro.

O humano é um ser gregário, como afirmava Freud (1921), e ele se agrega aos outros para sair do desamparo. No contexto atual, o desamparo não decorre somente do afastamento das pessoas e da explicitação da morte, o cenário político de desinformação e passividade por parte das autoridades faz com que ele se acentue. As várias instituições que representam o Outro social encontram-se em falta, seja por incompetência, por impotência ou por impossibilidade de conduzir esse difícil tempo.

Nesse sentido, a partir dessa reflexão, pode-se afirmar que, quando não existem informações e meios para a elaboração do trauma, o desamparo insiste. As dúvidas são frequentes, muitas perguntas e incertezas a respeito do novo vírus assombram a sociedade, que não encontra respaldo no Outro social. A falta de respostas concretas da ciência com relação ao tratamento da covid-19 faz com que a sociedade se depare diariamente com a morte, o que, certamente, acaba deixando todos desamparados e angustiados e suscita reações extremas, do medo fóbico à negação.

É importante ressaltar que a pandemia não trouxe o desamparo para o ser humano; sabe-se que ele é originário e estruturante, mas a conjuntura atual faz com que a reflexão a respeito dessa condição se amplie e se intensifique, uma vez que, diante da covid-19, as situações de desamparo são mais evidentes.

O novo normal, como muitos têm chamado, assinala uma nova relação com o Outro social e consigo próprio. Nesse novo tempo, não se trata somente de restabelecer o laço com o campo do Outro, com o mundo, mas também de inventar um novo mundo para viver, como afirmou Laurent (2004). A psicanálise pode contribuir nessa invenção, pois ela não trata a angústia como um transtorno; ao contrário de outras abordagens psiquiátricas, que visam a restaurar uma normalidade homeostática.

Como nos ensina Jacques-Alain Miller (2007), a experiência analítica permite ao sujeito localizar, reduzir, aliviar e até franquear sua angústia. A psicanálise

também considera que, sem angústia, não há sujeito digno de sua existência. A angústia é a via ao objeto a, resíduo incurável da constituição subjetiva, aquilo que nos determina como sujeitos desejantes e que persistem no investimento na vida, (re)inventando-a a cada vez que nos deparamos com o real da morte e do desamparo.

Referências

- BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1893-1895]/1976.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1895]/1976.
- FREUD, Sigmund. O ‘estranho’. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 17. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1919]/ 1976.
- FREUD, Sigmund. O infamiliar. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, [1919]/2019.
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do prazer. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1920]/1976.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1921]/1976.
- FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 20. Rio de Janeiro: Imago Editora, [1925]/1976.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1963]/2005.
- LAURENT, Éric. O trauma ao avesso. **Papéis de Psicanálise**. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. v. 1, n. 1, abr. 2004.
- MILLER, Jacques-Alain. **La angustia lacaniana**. Buenos Aires: Editora Paidós, 2007.
- ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 26, n. 86, 1999. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/761>. Acesso em: 1 jul. 2020.